

REVISTA MARACANAN

Dossiê

A guerra na terra do sol: cotidiano e mobilização para a Segunda Guerra Mundial em Fortaleza/Ceará

The War in the Land of Sun: daily life and mobilization for World War II in Fortaleza, Ceará

Edson Holanda Lima Barboza*

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Redenção, Ceará, Brasil.

Recebido em: 17 jan. 2022.

Aprovado em: 22 maio. 2022.



Pesquisa desenvolvida com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES).

* Doutor e mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará. Professor Adjunto III na Universidade Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Lidera o Grupo de Pesquisa *Trabalho, Cultura e Migrações no Ceará* (UNILAB/CNPq) e é pesquisador do *Grupo Seca, Cultura e Movimentos Sociais* (UFC/CNPq). (edsonholanda@unilab.edu.br)

 <https://orcid.org/0000-0001-9248-6957>

 <http://lattes.cnpq.br/2256493085436733>

Resumo

O artigo aborda os impactos da Segunda Guerra Mundial em Fortaleza, capital do estado do Ceará. Evidencia a participação de movimentos populares e intelectuais, com destaque para os acadêmicos da Faculdade de Direito nas ações de combate ao nazismo, desde palestras nas escolas da capital até as manifestações ocorridas em agosto de 1942, quando a população enfurecida contra os bombardeios de navios brasileiros praticou quebra-quebra e saques em lojas de proprietários de nacionalidades vinculadas aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Discute ainda os impactos da presença de militares norte-americanos que estabeleceram bases em Fortaleza e como o conflito afetou aspectos do cotidiano da cidade. A partir da perspectiva da história social e dialogando com jornais, obras literárias, memorialistas, biografias e depoimentos, problematiza as especificidades locais, entre as quais a seca de 1942, a presença de retirantes e mendigos na cidade e as ações do poder público, que supostamente buscavam prevenir os populares de ataque das nações inimigas, mas que na prática também foram utilizadas como medidas de controle social.

Palavras-chave: Mobilização. Guerra. Cotidiano.

Abstract

The article discusses the impacts of the Second World War in Fortaleza, capital of the State of Ceará. It highlights the participation of popular and intellectual movements, with emphasis on the academics of the Faculty of Law in actions to combat Nazism, from lectures in schools in the capital to the demonstrations that took place in August 1942, when the population was enraged against the bombings of Brazilian ships. practiced breaking and looting in stores owned by nationals linked to the AXIS countries (Germany, Italy and Japan). It also discusses the impacts of the presence of US soldiers who established bases in Fortaleza and how the conflict affected aspects of the daily life of the city. From the perspective of social history and dialoguing with newspapers, literary works, memorialists, biographies and testimonies, it problematizes local specificities, including the drought of 1942, the presence of migrants and beggars in the city and the actions of the public power, which supposedly they sought to prevent the people from being attacked by enemy nations, but in practice they were also used as measures of social control.

Keywords: Mobilization. War. Daily life.

Introdução

O Ceará, desde o fim do século XIX, destacou-se no cenário nacional como sendo uma das províncias e depois unidades da Federação mais afetadas pelas irregularidades de chuvas, contexto acompanhado pelo predomínio do latifúndio e domínio privado de obras hidráulicas, tais como os açudes e barragens, seguido de desvios dos recursos públicos de ações voltadas para amenizar a crise recorrente nos períodos de seca. Pela articulação destas circunstâncias, a terra do sol ou terra da seca, enfrentava epidemias, mortalidade de gado, declínio da produção agrícola e as migrações em massa de retirantes que, após perderem as possibilidades de subsistência nos sertões, seguiam em direção à Fortaleza, buscando assistência por parte do poder público, seja através da distribuição de alimentos, postos de trabalho em obras públicas ou até mesmo para obter passagens para sair do Ceará e fugir do reino da seca. Foi assim em 1877, 1888, 1915 e 1932, ciclo que retornou e foi potencializado pelo alto custo de vida no início da década de 1940, vésperas da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial

a 'inquietação' da população rural se verifica em função não só do 'mau inverno' de 1941, mas principalmente de uma 'carestia exorbitante' que atormentava já no início de 1942, chegando a um 'quasi pânico' em março, quando o 'mau inverno' é seguido por outro (...) Em 19 de março de 1942, portanto, dia de São José, a seca é novamente 'decretada' no Ceará. Os jornais anunciavam 'Fortaleza começa a ser invadida pelos flagelados da seca' e que dificilmente se poderá conter 'a avalanche humana que ruma' para as 'regiões menos expostas á seca' (NEVES, 2000, p. 142).

Contudo, além dos conflitos conhecidos em calamidades anteriores, não foi somente a seca que interferiu no cotidiano de Fortaleza no início dos anos 1940. Aos poucos, com o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, a partir de agosto de 1942, foram tomadas iniciativas que visavam o engajamento da população civil no esforço de guerra, além da presença de militares norte-americanos nas ruas da capital. Foram eventos que modificaram os hábitos urbanos: a existência de bases americanas e a iminência de um ataque de submarinos ou aviões alemães e de seus parceiros na guerra criaram a impressão de que a cidade estava ilhada, isolada.

Desde sua conflagração, a guerra, ainda distante, era noticiada nas primeiras páginas dos jornais cearenses. A partir do início de 1942, chegavam notícias do rompimento diplomático com as nações que formavam o Eixo, liderado pela Alemanha nazista, seguidas de ataques a navios brasileiros em águas internacionais. O clima de tensão crescia em vários setores da sociedade cearense. Um dos focos de tensão era a Faculdade de Direito do Ceará que, desde a década de 1930, combatia o movimento integralista, versão nacional dos movimentos autoritários de direita em voga no mundo naquele período.

O integralismo possuía significativa representatividade no Ceará, a Aliança Integralista Brasileira (AIB), teve “em altas posições de sua hierarquia, conhecidos cearenses como: Gustavo Barroso, denominado o ‘comandante das milícias’”. Através da influência de Barroso entre “militares e católicos cearenses, o credo integralista conquistou muitos simpatizantes e participantes” (BRAGA, 2017, p. 101).

Com o avanço do integralismo, Hitler e o nazismo também conquistavam admiradores localmente. Em janeiro de 1937, o cruzado alemão *Schlesien*, atracou no porto de Fortaleza:

a embarcação e seus tripulantes estavam nas águas fortalezenses para uma visita em caráter de amizade, pois a Alemanha buscava atrair o Brasil para sua esfera de influência(...) Sua oficialidade foi muito bem recebida na capital cearense, sendo oferecidos coquetéis, jantares e “tertúlias.” Após a partida da belonave, o cônsul alemão no Ceará, o sr. Oscar Huland agradeceu (...) a acolhida das autoridades, da imprensa e das associações sociais de Fortaleza (*Ibidem*, p. 103-104).

Compondo o grupo que recebeu a belonave alemã estava “comitiva de membros do movimento integralista”, incluindo Jeová Mota, líder integralista local, todos vestidos em seus uniformes “com camisas verdes e calças pretas, já no embarque na ponte metálica, ficaram impressionados com a organização do evento, a apresentação dos militares nazistas e a pujança da embarcação” (*Ibidem*, p. 392).

A passagem do navio de guerra alemão por Fortaleza não foi um caso isolado. No primeiro ciclo de Getúlio Vargas no poder (1930-1945), mesmo após a decretação do Estado Novo, em outubro de 1937, com a extinção dos partidos políticos, afetando as organizações formais de integralistas e nazistas, o regime estadonovista manteve admiradores do nazismo alemão¹ nas esferas do poder e buscou preservar as relações comerciais com a Alemanha.

No plano internacional, o Brasil procurava construir uma relação de neutralidade nas disputas comerciais entre Alemanha e Estados Unidos. As negociações com os EUA eram mais difíceis, diante da exigência dos norte-americanos por pagamento dos produtos, inclusive armas, em dólar. Enquanto a Alemanha adquiria no Brasil matérias-primas trocando por manufaturados e armas modernas, diferente dos EUA, que exportavam armas obsoletas. A vantagem nas relações cambiais e no acesso a armas e manufaturas levou ao intenso comércio entre Brasil e Alemanha no final da década de 1930. Estratégia que fomentou, a partir de 1934, um crescente desenvolvimento ao comércio exterior brasileiro, “impulsionado principalmente pelos negócios

¹ Apesar da diversidade ideológica na composição da burocracia estadonovista, apontada por Maria Helena Rolim Capelato (1998), a autora destaca a influência de admiradores da Alemanha nazista. É o caso do assessor do Presidente Vargas, Simão Lopes, quando, em 1934, após visita à Alemanha, afirmou “O que mais me impressionou foi a propaganda sistemática, metodizada do governo nacional-socialista. Não há em toda Alemanha uma só pessoa que não sinta diariamente o contato do ‘nazismo’ ou de Hitler, seja pela fotografia, pelo rádio, pelo cinema, através de toda imprensa alemã (...) A organização do M. da propaganda me fascina tanto que eu me permito sugerir a criação de uma miniatura no Brasil” (cf. CAPELATO, 1998, p. 203). “Após exaltar a figura de Goebbels, Lopes acrescentou que, do controle da vida política, resultava a força do governo alemão, capaz de liquidar ou absorver as últimas resistências dos inimigos do nazismo” (*Idem*). Não por acaso, em 1934, o Governo Brasileiro criou o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, ligado ao Ministério da Justiça, espécie de semente do futuro DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, criado em 1939, durante o Estado Novo.

realizados com a Alemanha nazista, tornando-se em 1938 o mais importante parceiro comercial do Brasil” (*Ibidem*, p. 106).

Antes mesmo da eclosão da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos estavam incomodados com a aproximação nas relações comerciais do Brasil com a Alemanha. Foi neste contexto que,

em janeiro de 1939, o presidente Roosevelt enviara um telegrama a Getúlio Vargas convidando o ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha, para discutir, em Washington, um conjunto de questões de interesse mútuo. Tal encontro passou a ser tratado oficialmente como Missão Aranha. Nele foram indicados os pontos básicos do que viria a ser, em março de 1942, a Missão Souza Costa ou Acordos de Washington (MORALES, 2002, p.58).

Apesar das negociações de aliança entre o Brasil e os EUA² terem sido iniciadas em janeiro de 1939 e concluídas em 1942, durante as tratativas, Vargas buscou manter sua política de neutralidade, negociando em paralelo com a Alemanha, embora em condições mais tensas, a partir da eclosão da Segunda Guerra Mundial, após setembro de 1939. Deste modo, enquanto os EUA não entraram formalmente no conflito, o Brasil procurou negociar com os norte-americanos e os nazistas ao mesmo tempo. Em 1940, durante os impasses nas negociações com os EUA, “Osvaldo Aranha fora informado que uma remessa de artilharia, encomendada na Alemanha pelo Brasil, havia chegado ao porto de Gênova, de onde deveria ser transportada para o Brasil” (BRAGA, 2017, p. 118).

Todavia, em dezembro de 1941, com o ataque japonês a *Pearl Harbor*, os EUA declararam guerra ao Eixo e exigiram que o Brasil rompesse relações com as potências agressoras, o que incluía a Alemanha. Além das disputas comerciais, o Brasil, com foco na Região Nordeste, passou a ter centralidade na estratégia da guerra. Devido a ocupação alemã na França, os EUA temiam que as colônias francesas no norte da África pudessem ser utilizadas pelos nazistas para expandir seu domínio a partir de Dakar, ocupando, a América do Sul, para, em seguida, atacar o território norte-americano.

Foi neste contexto que, em janeiro de 1942, ocorreu a III Conferência de Chanceleres das Repúblicas Americanas, no Rio de Janeiro, ocasião em que o Brasil rompeu relações comerciais com o Eixo e passou a negociar efetivamente uma série de acordos de cooperação com os EUA, desde o campo econômico à permissão de instalação de bases militares norte-americanas no Nordeste do Brasil, para garantir a segurança do litoral brasileiro, caso os conflitos e o avanço nazista ameaçassem o Atlântico Sul.

Em resposta ao fim da ‘neutralidade’ brasileira, a partir de fevereiro de 1942, surgiam as primeiras notícias de afundamento de navios brasileiros:

² Sobre a questão da denominação “Acordos de Washington”, Lúcia Morales apontou que: “É oportuno observar que na descrição destas conversações entre Brasil e Estados Unidos chama a atenção de como elas são definidas pela historiografia e pelos jornais. Os últimos preferem defini-los como ‘Missão Souza Costa’. A historiografia, por sua vez, se apresenta mais diversificada: uns autores chamam ‘Missão Souza Costa’, outros ‘Acordos de Washington’, outros ‘Aliança Brasil-Estados-Unidos’” (MORALES, 2002, p. 64-65).

Foi torpedeado a 20 milhas do largo de Nova York o navio brasileiro "Buarque". Chegaram á costa norte-americana duas baleeiras conduzindo quarenta tripulantes e passageiros do mesmo navio (...) o "Buarque" tocou em Fortaleza pela última vez em 29 de dezembro e rumou para os Estados Unidos. (O POVO, Torpedeado um Navio do Lloyd Brasileiro, 18 fev. 1942, p. 1)

Assim, no início de 1942, o primeiro afundamento de um navio brasileiro ocorreu no litoral da Costa Leste dos Estados Unidos, acionando um sinal de alerta. Os conflitos relacionados à Segunda Guerra Mundial, aos poucos, deixavam de despertar somente a atenção dos curiosos em acompanhar as batalhas no Hemisfério Norte e passaram a causar temor de ataques no Brasil e no litoral cearense.

A tensão aumentou quando, alguns meses depois, os ataques atribuídos a submarinos do Eixo, também ocorreram na costa do Nordeste do Brasil, mais especificamente entre os estados de Sergipe e Bahia,³ com o auge da tensão explodindo em agosto de 1942. Em nota do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda – distribuída à imprensa e publicada pelo jornal cearense *O Nordeste*, em 18 de agosto de 1942, a população de Fortaleza tomou conhecimento das primeiras agressões contra vapores na costa brasileira:

Pela primeira vez, as embarcações brasileiras, servindo do tráfego das nossas costas no transporte de passageiros e cargas de um estado para outro, sofreu ataques de submarinos do Eixo. (...) O inominável atentado contra indefesas unidades da marinha mercante de um país pacífico, cuja vida se desenrola á margem e á distância do teatro da guerra, foi praticado com o desconhecimento dos mais elementares princípios de direito da humanidade (O NORDESTE, Causa em desespero, 18 ago. 1942, p. 1).

Deste modo, a partir dos ataques, se o Brasil passaria a ter que conviver com a guerra mais próxima e com os problemas de abastecimento decorrentes dos riscos em utilizar o transporte marítimo, no Ceará, e em sua capital, Fortaleza, tais problemas foram potencializados com a crise de abastecimento alimentar e as migrações que já estavam em curso, como consequências da seca, desde os primeiros meses de 1942.

Abordar elementos do cotidiano e como a população de Fortaleza vivenciou o período não é uma tarefa fácil, documentos oficiais da década de 1940 ainda estão em catalogação no Arquivo Público do Ceará, enquanto os jornais enfrentavam as restrições impostas pela censura do Estado Novo. O Primeiro ataque ao *Baependi* ocorreu em 15 de agosto de 1942 e só foi noticiado 03 dias depois. Sobre as limitações em pesquisar com a imprensa sergipana do período, Dilton Maynard destacou que "meses antes dos torpedeamentos o DIP emitiu diretriz, assinada pelo então Diretor Geral do DIP, Lourival Fortes, quanto ao sigilo e à discrição em torno de atividades marítimas ou eventos que pudessem perturbar a população" (MAYNARD, 2021, p. 192).

Como o DIP repassava suas diretrizes para os Departamentos Estaduais de Propaganda (DEIP), a "recomendação" de discrição para evitar perturbação popular deve ter chegado também aos jornais cearenses. Contudo, a reação popular não era a única preocupação, com o

³ Entre os dias 15 e 22 de agosto de 1942, "o submarino alemão *U-507* atacou em rápida sequência, entre o litoral de Sergipe e da Bahia, sete embarcações mercantes: *Baependi*, *Aníbal Benévolo*, *Itagiba*, *Arará*, *Jacira* e *Hammaren*, causando desgraça de todos a bordo das embarcações" (CRUZ & ARAS, 2021, p. 13).

avanço do envolvimento direto na guerra, notícias que pudessem evidenciar fragilidades ou riscos com a presença de militares norte-americanos foram ofuscadas por autoridades policiais e militares, como o acidente com um dirigível “*blimp* da *U.S. Navy*” responsável pelo patrulhamento da costa litorânea que, no primeiro semestre de 1944, caiu em Fortaleza na atual “avenida Bezerra de Menezes (...) O cenário do acidente foi isolado das vistas da população e rapidamente desfeito pelos militares americanos,” supostamente “para evitar a ação de espiões e quintas-colunas (...) militares americanos e a polícia procuravam manter bem afastados os curiosos e a imprensa, evitando quaisquer registros e informações” (BRAGA, 2017, p. 338-339).

Assim, buscamos fazer uma leitura minuciosa das matérias publicadas pela imprensa cearense,⁴ com o objetivo de perceber possíveis críticas que escapassem das lentes da censura estonovista, apresentando perspectivas ou insatisfações da população.

Para pensar a pesquisa sobre movimentos populares ou o modo de vida de grupos que muitas vezes são silenciados, Eric Hobsbawm aponta questões interessantes:

Em muitos casos, o historiador dos movimentos populares descobre apenas o que está procurando, não o que já está esperando por ele. Muitas fontes para a história dos movimentos populares apenas foram reconhecidas como tais porque alguém fez uma pergunta e depois sondou desesperadamente em busca de alguma maneira – qualquer maneira de respondê-la (HOBSBAWM, 1998, p. 220).

Nestes termos, com a interdição de encontrar algumas perguntas e respostas através da imprensa, recorreremos também a depoimentos e memórias de sujeitos que vivenciaram aqueles dias, tais como Tomaz Pompeu Gomes Matos (1999), acadêmico de Direito durante a década de 1940, que participou das manifestações populares contra o nazismo nas ruas de Fortaleza, em agosto de 1942. Dialogamos ainda com crônicas de intelectuais progressistas, como Raquel de Queiroz (2010); bem como com a biografia e a obra literária do jornalista comunista Jáder de Carvalho (2003; cf. LEAL, 2000), preso durante uma manifestação antifascista; além da obra do memorialista Marciano Lopes (1996), que revisita a cidade de Fortaleza daquele período.

O movimento antinazista e o quebra-quebra em Fortaleza

Entre os jornais cearenses, *O Povo* foi aquele que demonstrou sinais de burla às imposições dos órgãos de repressão (DIP e DEIP), aproveitando a adesão do Brasil à guerra para fazer críticas ao nazismo e ao fascismo, permitindo também, aos poucos, colocar em suas pautas questões como a democratização do país. Demócrito Rocha, entre outros jornalistas e acadêmicos de Direito, por exemplo, ministraram palestras em escolas e fábricas durante a “Semana antinazista” (02 a 08 de agosto de 1942), uma iniciativa da Comissão de Defesa Nacional (CDN), fundada pelo Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua da Faculdade de Direito,

⁴ O jornal *O Nordeste*, pertencente à Arquidiocese de Fortaleza, não tinha restrições aos ideais de “ordem social” propostos pelo Estado Novo; *Unitário* e o *Correio do Ceará*, ligados aos Diários Associados buscavam uma linha editorial de não criar conflitos com o Governo Vargas, já o jornal *O Povo* que dizia prezar pelos “princípios democráticos”, com a direção de Demócrito Rocha, não podia deixar explícito seus posicionamentos em relação à ditadura Vargas.

contando com divulgação dos jornais, entre eles *O Povo*, que também transcreviam e publicavam o conteúdo das palestras. Sobre as repercussões da “Semana antinazista”, Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho destaca que, no decorrer “e após a referida semana, numerosos *meetings* foram realizados nos bairros da capital e em localidades do interior do estado, com o intuito de recrudescer no seio da população o sentimento de profunda aversão ao corolário fascista, ou ‘nazifascista’, conforme designação usual da imprensa” (SILVA FILHO, 2021, p. 56).

As atividades da “Semana antinazista” e as mobilizações populares contra a guerra contribuíram para um momento de articulação de grupos progressistas que estavam silenciados desde o início do Estado Novo. As programações não estavam restritas aos ambientes escolares ou acadêmicos, sendo realizadas também em setores populares e fabris da cidade de Fortaleza, o que contribuiu para uma significativa participação de operários e sindicatos na passeata de encerramento da “Semana antinazista”, realizada nas ruas de Fortaleza, em 08 de agosto de 1942:

Os sindicatos de Fortaleza convidados pelos líderes da C.D.N. comparecerão á passeata, incorporados. Os operários darão assim uma prova de sua incondicional solidariedade aos regimes de justiça e liberdade.

Mais de mil operários desfilarão pelas principais ruas da cidade, conduzindo grandes cartazes contra o nazismo e a 5ª coluna. (O POVO, Os operários também formarão, 08 ago. 1942, p. 1)

Dez dias após o encerramento da “Semana antinazista”, foram divulgadas nos programas de rádio e nos jornais impressos as notícias de torpedeamento dos navios brasileiros no litoral nordestino. A indignação, que já havia tomado as ruas anteriormente, fugiu do controle das autoridades, manifestações violentas e saques contra lojas que os populares identificavam ser de proprietários de nacionalidades vinculadas ao Eixo tomaram conta do centro de Fortaleza, durante o dia 18 de agosto de 1942, ocorreu o famoso dia do *quebra-quebra*. Apesar de o evento estar na memória local, devido à participação massiva de populares, nenhum dos jornais descreveu em detalhes os acontecimentos, provavelmente em decorrência da censura:

Pela manhã de hoje os estudantes e o povo em geral organizaram vibrantíssimas passeatas no centro da cidade, ouvindo-se a cada instante aclamações entusiásticas ao Brasil.

Em nossa redação, um dos redatores do O POVO falou aos manifestantes, exaltando o seu ardor patriótico e frisando que, nesta hora, mais do que nunca, se impõe a congregação de todas as energias em defesa da pátria.

Nas ruas por onde transitava a massa popular, era incontida a vibração, a qual assumiu maiores proporções ás 11 horas. (O POVO, Vibra o povo cearense contra a pirataria nazista, 18 ago. 1942, p. 4.)

Apesar das lacunas na imprensa sobre as manifestações, Thomaz Pompeu Gomes de Matos, na época estudante de Direito, relatou que, em 18 de agosto de 1942, “chegam mais notícias de afundamentos de navios brasileiros pelos submarinos alemães nas costas do Brasil” (MATOS, 1999, p. 18-19). No mesmo dia, foi realizada uma missa na Igreja do Patrocínio (situada na Praça José de Alencar, em frente ao teatro de mesmo nome no centro de Fortaleza) em memória à morte dos tripulantes dos navios: “A igreja ficou completamente lotada, e o povo

se espalhando pelas ruas e redondezas. A revolta popular aumentava de minuto a minuto. Vi várias mulheres chorando durante a missa”. Logo após, os estudantes dirigiram-se à Faculdade de Direito sob um clima de “revolta e indignação”, quando os “nazistas que estudavam na faculdade fugiram ante tamanha algazarra da estudantada. Nesse dia ninguém foi assistir aulas, os professores em atenção ao luto nacional, mandaram colocar presença em todos os alunos” (MATOS, 1999, p. 18-19). Aproximadamente às 10h30min saíram em passeata em direção ao centro da cidade:

pelos ruas Senador Pompeu (redação dos Jornais), Guilherme Rocha e finalmente o ponto culminante, a velha Praça do Ferreira. A partida foi da Faculdade de Direito. É preciso notar que essa passeata não era composta somente de estudantes. Por onde íamos passando a fileira ia aumentando consideravelmente. Quando atingimos a coluna da hora, ali se encontrava uma multidão a gritar ‘morra Hitler e seus asseclas.’ (...) Nisso, no meio da multidão ouve-se um grito: ‘Estão quebrando a loja do Espanhol’ (...) Foi o início do quebra-quebra. Ninguém poderia conter o povo que irado, revoltado e passando a arrebentar tudo que encontrava pela frente, desde naturalmente que fosse de alemães, italianos, espanhóis, japoneses ou mesmo simpatizantes do Eixo. Percorri todo movimento do povo, quando foram quebradas e incendiadas várias casas comerciais como seja: Lojas Pernambucanas, Casas Veneza, Consulado Alemão, padaria do Espanhol, camisaria o Álvaro, jardim japonês da família Fujita, onde diziam que o velho Fugita se escondeu dentro da cacimba de seu jardim que ficava no início da Avenida Bezerra de Menezes (*Idem*).

A polícia não estava presente no momento dos incêndios, Francisco de Menezes Pimentel. O Interventor Federal, encontrava-se em um churrasco, com todo seu secretariado, em Maranguape, cidade próxima à Fortaleza. Com o retorno do Interventor “a coisa foi amainando, mas permanecendo o povo nas ruas a dar vivas às nações unidas: Estados Unidos e Rússia, etc”. No dia seguinte, “as notícias se espalharam pelas cidades vizinhas como Caucaia, Maranguape e Aquiraz, e grande parte da população dessas cidades veio para Fortaleza na esperança de um replay para continuação ao saque” (*Ibidem*, p. 19).

Ainda segundo o relato de Thomaz Pompeu Gomes de Matos, o movimento de *quebra-quebra* tinha ultrapassado os limites: “não era mais o movimento patriótico iniciado pelos estudantes universitários, agora era o povo querendo saciar o seu desejo de saque, roubo, etc” (*Idem*). O que não seria uma surpresa, considerando que aquele era um período de seca e a prática de ações de massas contra a propriedade, tais como expropriação de cargas de trem, armazéns do governo ou de comércios, já eram recorrentes nos momentos de crise, pelo menos desde 1877, e que nas décadas seguintes permitiram o “estabelecimento desta tradição das ações diretas e formação amadurecida da multidão como um sujeito político que se apresenta na arena política das relações de poder no sertão sempre que as situações de seca e de fome se repetem” (NEVES, 2000, p. 20).

O relato de Thomaz Pompeu Gomes de Matos, publicado em 1999, é uma das escassas descrições das manifestações populares ocorridas naqueles dias de agosto de 1942 nas ruas de Fortaleza e da radicalidade do *quebra-quebra* contra as lojas de proprietários de origem de nacionalidades vinculadas aos alemães e seus parceiros. Os jornais de maior circulação até comunicavam alguns conflitos ocorridos em cidades do interior, mas não detalhavam os distúrbios na capital. Diante da limitação de informações na imprensa, talvez em decorrência da

censura do Estado Novo, encontramos poucas referências ao *quebra-quebra* do dia 18 de agosto de 1942. O memorialista Marciano Lopes fez um breve relato sobre os eventos: “Após incendiarem ‘A Pernambucana’, pertencente a um poderoso grupo de origem alemã, a turba enfurecida encaminhou-se para destruir a ‘Casa Veneza’, mais importante sapataria da cidade, da família di Francesco, italiana. Eram os dias negros da Segunda Guerra Mundial” (LOPES, 1996, p. 60-61).

Apesar de não fazer referência direta ao *quebra-quebra*, o Jornal *O Povo* publicou, na capa de sua edição de 18 de agosto de 1942, que era distribuída à tarde, uma Nota Oficial do Sindicato dos Lojistas de Fortaleza:

No momento em que o Brasil reclama a cooperação de todos seus filhos para a defesa dos princípios democráticos que nos urgem e fortalecimento da unidade nacional. O SINDICATO DOS LOJISTAS DE FORTALEZA, devidamente autorizado pelo Sr. Delegado Regional do Trabalho, torna público que no seu quadro social não existe um só elemento pertencente, ou simpatizante aos países do eixo – inimigos da democracia. (O POVO, 18 ago. 1942, p. 1.)

Com tal nota, os lojistas buscavam impedir novos saques. Apelando em defesa da unidade nacional e dos valores democráticos, afirmavam sua “obediência e colaboração aos poderes constituídos” (*Idem*). Em resposta aos distúrbios nas ruas da capital, o Interventor Menezes Pimentel também enviou uma nota aos jornais de Fortaleza, na qual reconhecia “essas demonstrações de brasilidade e de fé nos destinos do país”, contanto que não sejam “desvirtuadas por elementos a serviços inconfessáveis propósitos, interessados em dificultar pela confusão que tentam estabelecer” (PIMENTEL, 21 ago. 1942a, p. 1). Em outra nota, o Interventor Federal no Ceará dirigia um apelo “aos Srs. Pais de família, diretores de colégio e o público em geral”, solicitando que “recolham os estudantes às suas casas, pois tem resolvido, em colaboração com Força Federal, manter a ordem pública”. Ao povo restaria a “opção” de “entregar-se imediatamente às suas atividades e aguardar, serenamente, a oportunidade de estar a postos para servir a nação. (...) Todos devemos estar unidos com um só pensamento – o de servir e honrar a pátria confiando na ação patriótica do preclaro Presidente Vargas” (PIMENTEL, 21 ago. 1942b, p. 1).

Foi neste contexto que a população de Fortaleza recebeu a notícia da declaração de guerra do Brasil à Alemanha, em 22 de agosto de 1942. A imprensa progressista e os intelectuais no Ceará passavam por um momento de extrema pressão e vigilância. Setores ligados à tradição liberal e comunista vinham sofrendo, desde o fim da década de 1930, perseguições dos órgãos de repressão do Estado Novo, Rachel de Queiroz, por exemplo, foi presa em 1937, acusada de ser comunista. Sobre a situação da imprensa, naqueles anos, afirmou a escritora: “No Ceará mandavam os jornalistas simplesmente para a cadeia pública, mas comigo, uma senhora de boa família, tiveram consideração: fui presa no quartel do Corpo de Bombeiros de Fortaleza, num imenso salão vazio, onde ficava o cinema, no momento desativado” (QUEIROZ, 2010, p. 74). Além de Rachel de Queiroz, outros intelectuais cearenses também foram perseguidos durante a ditadura varguista, Jáder de Carvalho, poeta, professor, jornalista e advogado viu a disciplina de sociologia, por ele ministrada no Liceu do Ceará, ser suspensa, uma vez que foi considerada

criminosa. Este não foi o único conflito que Jáder teve com as autoridades. Foi ainda o primeiro cearense a ser condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional do Estado Novo:

O motivo da condenação do valoroso líder antifascista e brilhante intelectual cearense já é por demais conhecido em todo país: um discurso proferido pelo mesmo, na entrega da pirâmide Stalingrado, valeu-lhe o ruidoso processo, que culminou com pena de 7 anos e 4 meses de prisão, reduzida depois para 2 anos e 4 meses (LEAL, 2000, p. 47).

Em Fortaleza foram construídos dois obeliscos representando a resistência antifascista, um de aço, ferro e alumínio recolhido pela população, na Praça Figueiras de Mello, entre a antiga Escola Normal e o Colégio Imaculada Conceição, em 1943, que recebeu o nome de Stalingrado e outro, em alvenaria, que ainda está de pé, foi construído em frente à Faculdade de Direito, em 1944. A denominação dada a um dos obeliscos, exaltando a importante batalha de Stalingrado e a participação soviética na resistência ao Eixo, é um dos indícios da presença de comunistas e seus simpatizantes nas mobilizações populares ocorridas na capital cearense no período.

O cotidiano da Guerra em Fortaleza

Entre as mobilizações e as ameaças de agressões por parte da Alemanha nazista e seus parceiros, Fortaleza passou a vivenciar o clima da guerra e suas consequências. A escritora cearense Rachel de Queiroz, ao retornar do Rio de Janeiro, após cinco anos longe de Fortaleza, não detectou muitas diferenças na configuração urbana. A novidade sentida pela escritora estava na sensação de isolamento e bloqueio da cidade. A ameaça de ataques marítimos interferiu no abastecimento da capital, nas exportações e no meio de transporte:

Chegando lá, agora, (entrando pela porta dos fundos, pois fui por terra) constateei satisfeita que a cidade me parecia a mesma. E, em seguida, me espantou justamente essa impressão: porque a mesma? Ao cabo de quase cinco anos, seguindo a marcha normal de progresso, o lógico seria já estar tudo muitíssimo diferente. E fora alguns incêndios, fora um ou outro prédio novo, a cara arquitetônica da cidade não mudou nada. Passando, porém, a primeira admiração, compreendi: é o bloqueio. Fortaleza, prezado leitor vives aqui na confortável displicência carioca e pouco cuidada em guerra, Fortaleza é hoje uma cidade bloqueada, quase tão bloqueada quanto qualquer cidade não direi da Europa continental, mas como qualquer cidade britânica. (QUEIROZ, 18 mar. 1944, p. 3)

O “bloqueio” marítimo era visto como ponto comum entre Fortaleza e as cidades britânicas, Rachel de Queiroz refere-se especificamente à capital do Ceará, pois estava registrando suas impressões após estar fora da cidade desde 1939. Apesar da comparação de bloqueio marítimo poder ser feita com qualquer das principais cidades do litoral brasileiro, a tensão foi maior nas cidades onde a presença do exército norte-americano era mais efetiva, com a instalação de bases militares, como foi o caso de Natal, Recife e Fortaleza.

Em Fortaleza foram instaladas duas bases militares que registraram, nos anos de guerra, a presença de “aproximadamente de 50 mil soldados americanos” (SILVA, 2000, p. 51). As

bases situavam-se nos bairros do Pici e Cocorote, financiadas pelo governo norte-americano, os militares permaneceram na cidade até o fim do conflito, alguns partindo apenas no ano de 1946.⁵

A historiadora Jane Silva argumenta que a presença de militares norte-americanos em Fortaleza representou um "aspecto lúdico". Sua pesquisa é voltada para os padrões de comportamento de mulheres das classes privilegiadas de Fortaleza, quando "momentos de descontração foram propiciados pelo próprio movimento de guerra em operação na cidade" (*Ibidem*, p. 88).

O "aspecto lúdico" a que se refere está ligado à quebra de padrões nas normas de conduta feminina (principalmente aquelas das classes privilegiadas) em Fortaleza, naqueles anos de guerra:

Durante os anos de permanência dos americanos em Fortaleza no período da guerra, a cidade experimentou uma agitação nova, festas, reuniões esportivas, jantares, homenagens e comemorações organizadas por eles eram compartilhadas com parte dos fortalezenses, acontecendo também desses eventos serem promovidos pela própria sociedade para os seus visitantes (*Ibidem*, p. 106).

Discordamos, parcialmente, da visão da autora, pois, nas sombras dos eventos sociais com ar "lúdico", percebemos a presença de militares norte-americanos no Nordeste brasileiro como uma "ocupação velada", mais um sinal da ingerência ianque no território brasileiro, já que não foram dadas muitas alternativas à população sobre o posicionamento em relação à guerra. Ou ficaríamos do lado dos aliados, ou seríamos tratados como "inimigos", sofrendo uma ameaça concreta de ocupação devido à posição estratégica do Norte e Nordeste brasileiro, caso o conflito se estendesse ao Atlântico Sul.

Desde os anos 1920, o padrão de consumo dos norte-americanos, o *American way of life*, já seduzia as populações urbanas no Brasil, dominando os sonhos de consumo locais no período pós-guerra (cf. MOURA, 1993). Portanto, a ofensiva ou aproximação no campo cultural entre o governo norte-americano e o brasileiro já estava em curso antes mesmo do ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Contudo, o conflito mundial intensificou o processo de americanização ou interferência cultural norte-americana no Brasil. No início da década de 1940, os Estados Unidos passaram a investir pesado em uma "política cultural" com objetivo de "estreitar" laços de amizade com as nações da América do Sul: Walt Disney realizou viagens ao Brasil, criando inclusive um personagem em homenagem ao País – o Zé Carioca; a cantora luso-brasileira Carmem Miranda foi contratada pelos estúdios de cinema de Hollywood (TOTA, 2000), iniciativas que buscavam apresentar o Brasil e a cultura brasileira ao público norte-americano.

O Diretor Orson Welles, uma espécie de embaixador cultural, veio ao Brasil em 1942, entre outras coisas, com o objetivo de filmar *IT's All True*, película que teria três episódios: um

⁵ Jane Semeão Silva esclarece a localização das bases "O local onde funcionou a Base Americana do Pici corresponde hoje ao Campus Universitário do Pici, pertencente à Universidade Federal do Ceará. Já a Base do Cocorote, parte dela é atualmente ocupada pelo Aeroclub de Fortaleza e a outra faz parte do antigo Aeroporto Pinto Martins" (SILVA, 2000, p. 90-91).

no México, outro em Fortaleza, que mostraria o *Raid* de jangadeiros cearenses até o Rio de Janeiro, e o último sobre o carnaval carioca.

No episódio cearense de *IT's All True*, intitulado *Quatro homens numa jangada*, segundo Firmino Holanda, Orson Welles buscava reconstruir a viagem de “quatro pescadores numa frágil jangada, de Fortaleza ao Rio de Janeiro. Iniciado a 14 de setembro de 1941, a travessia encerrou-se 61 dias depois. Saudados como heróis nacionais” (HOLANDA, 2001, p. 49). A bordo da jangada “São Pedro” estavam os jangadeiros cearenses Manuel Olímpio Meira, líder do grupo, conhecido por Jacaré; Jerônimo André de Sousa; Raimundo Correia Lima, o Tatá; e Manuel Pereira da Silva, chamado de Manuel Preto. Após a chegada ao Rio de Janeiro, apesar do tom reivindicatório, a aventura dos pescadores mobilizou a imprensa e a população da capital, embaraçando tentativas de repressão, fazendo com que Getúlio Vargas buscase se apropriar da situação, recebendo os pescadores e ouvindo suas demandas.

A repercussão do *Raid* da jangada “São Pedro” extrapolou a imprensa nacional, Orson Welles “se interessou pelo assunto ainda nos Estados Unidos, ao ler reportagens a respeito do feito dos jangadeiros, que queriam chamar a atenção das autoridades para suas reivindicações trabalhistas e a exploração das indústrias pesqueiras que contratavam seus serviços” (PEDREIRA, 2009, p. 29).

Fascinado com a notícia, o famoso cineasta norte-americano, em março de 1942, chegou a Fortaleza e iniciou a produção da reconstituição da aventura dos quatro pescadores, levando-os de volta ao Rio de Janeiro para filmar uma reprodução do desembarque do glorioso *Raid* na capital do Brasil. Todavia,

no dia 19 de maio de 1942, os jangadeiros, na praia do Juá, insistiam em chegar ao ponto da filmagem, navegando na mesma embarcação usada no *raide*, no ano anterior. Uma lancha da produção rebocava a jangada, “como o mar estava bravo, resolveu-se cortar o cabo”, separando as duas embarcações. Foi quando veio uma forte onda, emborcando a jangada e jogando os quatro homens no mar (...) Em princípio o acidente não seria motivo de maiores preocupações, pois todos eles eram exímios nadadores. Jacaré, no entanto, não sobreviveu, ou pior, seu corpo jamais foi encontrado (HOLANDA, 2001, p. 76-77).

O acidente que vitimou Jacaré não foi o único abalo na produção de *IT's All True*, Orson Welles entrou em rota de colisão

com os financiadores americanos e o próprio governo brasileiro, que protestavam contra o conteúdo de seu filme sobre o carnaval do Rio de Janeiro, um tanto diferente daquilo que idealizaram. Sabe-se que a *RKO* também se queixava dos gastos excessivos do diretor no Brasil (ABREU, 2007, p. 218).

No episódio sobre o carnaval carioca, o regime estadonovista desejava que o diretor norte-americano evidenciasse paisagens turísticas e belezas naturais, funcionando como uma espécie de cartão de visitas, em oposição, de modo inconveniente, as filmagens de Welles destacaram “manifestações culturais de moradores de favelas cariocas, berço do samba, que eram na sua maioria negros e mestiços pobres” (PEDREIRA, 2009, p. 29).

Assim, além dos desgastes que Welles acumulou com os estúdios de cinema hollywoodiano *RKO* e o regime varguista, a morte de Jacaré chegou a fazer com que o episódio

cearense de *IT's All True* fosse ameaçado de cancelamento, porém, depois de negociações foi firmado um acordo

Entre Welles e a *RKO*, a empresa lavaria as próprias mãos, impondo-lhe solução altamente restritiva ao impasse da produção. A equipe do diretor, agora reduzidíssima, viria a Fortaleza somente com dez mil dólares, uma câmara *Mitchell* silenciosa, sem iluminação e com 40 mil pés negativo preto e branco.

Welles pretendia rodar em cores o episódio jangadeiro. Mas George Schaefer, sustentáculo do cineasta na *RKO*, tinha a corda no pescoço, nesse estúdio. A solução mais ponderada, diria ele a Welles, seria aceitar preto-e-branco, sem contestar. O diretor aceitou a imposição (HOLANDA, 2001, p. 89).

Com a revisão de seus planos, em junho de 1942, Orson Welles voltou a Fortaleza, para dar continuidade às gravações do episódio *Quatro homens numa jangada*, o papel do líder jangadeiro morto no Rio de Janeiro estava mantido: "Jacaré continuaria herói da história. Nas cenas, então substituído por Isidro, que seria na realidade seu irmão. Este, portanto, atuou – ainda que discretamente – ao lado dos autênticos tripulantes da 'São Pedro'" (*Ibidem*, p. 106).

Apesar dos conflitos na produção de *IT's All True* e do acidente com Jacaré, Orson Welles foi bem recebido em Fortaleza, tanto nas comunidades de pescadores, quanto nos círculos sociais da cidade, sua vinculação ao modo de vida da capital cearense, acabou servindo de um modo positivo, representando, ainda que por meios não planejados, a política de boa vizinhança entre Brasil e Estados Unidos, possibilitando outras sociabilidades com sujeitos norte-americanos, indo além do temor e da formalidade transmitida pelos militares ianques. Sobre este aspecto, Firmino Holanda destaca que: "Welles despertara a curiosidade de segmentos da população. A imprensa mantinha viva a informação sobre suas atividades, inclusive as extracineamatográficas. Registrou-se até a folclórica nota sobre sua participação em típica festa junina, no Clube dos Diários" (*Ibidem*, p. 130). Ou ainda sua admiração pela cachaça:

ao provar a "branquinha", já derramava "brasileiramente" uma pouca "pro santo" (...) teria inventado a perfeita tradução etílica da Política de Boa Vizinhança, isto é, um drinque misturando Coca-cola e cachaça, denominado "Samba em Berlim" (...) Dizem ser de Welles a frase lapidar "No Brasil, bebe-se o melhor uísque falsificado do mundo" (*Ibidem*, p. 131).

Contudo, apesar da boa relação com a comunidade local, o destino de *IT's All True* estava fadado ao fracasso. Terminada as gravações no Ceará, segundo Flávia de Sá Pedreira: "na capital federal foram confiscadas as latas daquele que seria um grande filme pan-americano. Logo depois, Welles foi demitido da *RKO* e mandado de volta aos Estados Unidos" (PEDREIRA, 2009, p. 30). O diretor até buscou ter acesso ao material filmado no Brasil, tendo como condição do estúdio hollywoodiano para liberar o acesso, a necessidade que "o governo brasileiro autorizasse, o que nunca foi feito. Algumas das imagens gravadas pelo cineasta só seriam conhecidas pelo público no lançamento do filme que conta a elaboração de '*IT's All True*', em 1993, oito anos após sua morte" (PEDREIRA, 2009, p. 30).

Apesar do dramático desfecho de *IT's All True*, a presença de Orson Welles em Fortaleza, naquele ano de 1942, para gravar cenas do cotidiano dos jangadeiros cearenses nas Praias de Iracema e do Mucuripe, demonstrava como a capital do Ceará estava no foco do olhar norte-

americano no período. Nesta simbiose de interesses militares e construção de “laços de amizade” entre os grandes países americanos do Norte e do Sul, Fortaleza não comportava apenas bases militares. Além da presença de Orson Welles, por ser ponto de passagem de oficiais e soldados, também foi criado em um casarão da antiga região portuária da cidade⁶ um clube de recreação o *U.S.O – United Service Organization*:

foi arrendado pelo Governo americano para servir de abrigo ao *U.S.O. (United Service Organization)*, visando ‘especialmente a recreação dos soldados e marinheiros daquele país aquartelados em Fortaleza. Dos Estados Unidos. Veio *Miss. Frances Eddy* para organizar e dirigir as atividades do clube, sendo auxiliada por *Mrs. Paecook*, juntamente com algumas ‘senhoritas da comunidade local. Transformado em local de diversão para tropas americanas, a casa oferecia aos seus freqüentadores ‘festas noturnas e prolongados banhos de sol’, além de garantir-lhes espaço na praia para prática de esportes. No *U.S.O.* também eram realizados espetáculos e Shows com artistas e grupos de músicos nacionais e americanos (SILVA, 2000, p. 98-99).

O local não era frequentado somente por militares, funcionando como um ponto de encontros diplomáticos de integração com a comunidade local (administradores públicos, funcionários dos órgãos brasileiros e a elite local, inclusive mulheres de preferência). Funcionários do SEMTA – Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia – também participavam dos encontros no *U.S.O.*:

Então eu ia acompanhado de moças que trabalhavam lá no SEMTA, inclusive a filha do Doutor Paulo Assis Ribeiro que era quem dirigia o SEMTA, a Ana Maria e uma irmã do coronel Janaris Gentil Nunes [Iaci Gentil Nunes, Assistente Social] que também integrava o quadro aqui do SEMTA vinda do Rio de Janeiro, e outras moças daqui.⁷

Os funcionários do SEMTA não compartilhavam com os militares norte-americanos apenas os espaços de lazer no *U.S.O.*, uma vez que sua função estava ligada ao chamado esforço de guerra, subordinado diretamente ao Gabinete Civil da Presidência da República, o SEMTA era responsável por realizar propaganda e recrutamento visando mobilizar trabalhadores nacionais para revitalizar a produção de borracha na Amazônia, que estava em declínio desde as primeiras décadas do século XX, quando o Brasil perdeu o monopólio da borracha para áreas do extremo oriente, entre as quais a Malásia, região que foi invadida pelo Japão, em 1941, interrompendo o abastecimento de borracha para os exércitos ocidentais. De modo que, os seringais amazônicos voltaram a ter centralidade para as potências ocidentais. Porém, se a Amazônia possuía seringais nativos que poderiam produzir a borracha, faltavam os trabalhadores para realizar a extração

⁶ Localizado na “Vila Morena”, Praia de Iracema, o espaço em que o *U.S.O.* funcionou, atualmente abriga a Secretaria de Cultura de Fortaleza e já abrigou o tradicional Restaurante Estoril: “casarão construído pelo pernambucano José Magalhães Porto, na Praia de Iracema (antiga praia do peixe), para servir de moradia para sua família, foi a primeira casa de grande porte erguida na orla marítima de Fortaleza (antes ocupada exclusivamente por pequenas casas de pescadores). Com a chegada de militares americanos à cidade durante a Segunda Guerra Mundial, a casa foi arrendada pelo Governo dos Estados Unidos para servir de sede do *U.S.O.*, local de diversão dos soldados, marinheiros e oficiais norte-americanos. Alguns anos após o término da guerra, em 1948, o prédio foi reformado e arrendado por dois portugueses que instalaram no local um restaurante especializado em comida portuguesa. Nascia então o ‘Estoril’, que por várias décadas serviu de ponto de reunião para a ‘boemia intelectual de Fortaleza’” (SILVA, 2000, p. 98).

⁷ Entrevista com Geraldo da Silva Nobre realizada em novembro de 1999. *Apud* SILVA, 2000, p. 99.

do produto. Considerando que o Ceará passava por uma seca em 1942, fato que disponibilizava trabalhadores retirantes e a tradição de migrações entre o Ceará e a Amazônia desde o fim do século XIX, o governo brasileiro decidiu estabelecer a sede do SEMTA em Fortaleza. A retomada da produção nacional de borracha estava diretamente associada aos *Acordos de Washington* e aos esforços de guerra, não por acaso, estava marcada pela utilização de termos militares, a campanha de mobilização foi chamada de “Batalha da Borracha” e os trabalhadores recrutados seriam os “Soldados da Borracha” (MORALES, 2002; BARBOZA, 2005; SECRETO, 2007).

Nos eventos de lazer para distrair os soldados norte-americanos, a sociabilidade com militares ou funcionários do governo dos EUA não estava restrita aos funcionários do SEMTA ou de outras repartições do governo brasileiro. Participando da ‘política da boa vizinhança’, a imprensa local deu destaque à presença de militares ianques em Fortaleza, e seu contato com moças das classes privilegiadas em encontros nos cinemas e sorveterias do centro da cidade ou frequentando os bailes e eventos recreativos no *U.S.O.*

Porém, nem todos cearenses viam com bons olhos os ‘laços de amizade’ entre as moças locais e os militares estrangeiros:

Só os rapazes da terra é que são um pouco contra os nossos aliados. Rosnam bastante, falam em ‘mentalidade colonial’, etc. E a razão desse agravo, compreensível, aliás é que as moças em sua maioria se dedicam total e patrioticamente à política da ‘boa vizinhança’. (QUEIROZ, 18 de mar. 1944, p. 3)

As mulheres seduzidas por militares norte-americanos, eram chamadas pejorativamente de coca-colas, fazendo ligação entre a bebida de origem norte-americana e a mentalidade colonial a que Rachel de Queiroz fez referência. Jáder de Carvalho, em sua obra literária, *Aldeota*, que tematiza a vida de um migrante cearense nos circuitos que ligam o Ceará ao Pará, também registrou a presença das coca-colas:

Por aqui, também brilham os norte-americanos. Meninos grandes, bem humorados, esses infantes, aviadores e marinheiros dos Estados Unidos. Como no Pará, as mocinhas cearenses também perderam a cabeça em contato com os meninões. Em Fortaleza, já se pronunciam muitas palavras e frases da língua inglesa. Aqui, as fãs dos ianques chamam-se Coca-colas. E, entre elas, segundo me informam os vizinhos, há moças até da alta sociedade. Elas não indagam da família, da profissão, da vida enfim dos louros lagatões: satisfazem-se com a pele branca e rosada, com língua diferente que já é sinal de superioridade. Chicó [*personagem central do Romance, recém chegado da Amazônia*] não tolera os gringos. Cheios de dólares, deixam-lhe a impressão de entrarem na guerra não para lutar, matar ou morrer, porém para comprar as armas dos alemães, italianos e japoneses. Com a pele corada, os cabelos louros, olhos azuis e os montões de dólares – dizem as minhas vizinhas – estão abrindo a centenas de moças as portas da prostituição. Verdade? (CARVALHO, 2003, p. 296)

Se não podiam vencer o poder de sedução dos gringos, os rapazes locais ao sentirem-se desprezados pelas garotas que preferiam os “galaláus” da América do Norte, recorreram ao humor e organizaram no carnaval de 1946 o “bloco das coca-colas”, vestiram-se de mulher e saíram às ruas, em sátira às meninas que participavam dos bailes e festas no *U.S.O.* e tomavam o refrigerante que ainda não era comercializado em Fortaleza. Para Jane Silva, o apelido, além da referência à bebida, era uma demonstração do preconceito e conservadorismo da comunidade local:

O apelido que receberam, ainda hoje utilizado para referir-se a elas, escondia algo mais do que uma simples alusão ao fato de elas terem podido degustar o famoso refrigerante norte-americano oferecido aos convidados das festas estadunidenses. Ele estava ligado à idéia de 'consumo', 'porque diziam que os americanos usavam, bebiam e jogavam fora'. A alcunha 'coca-cola', portanto, é denunciadora do forte conservadorismo e moralismo que imperavam naqueles anos, responsáveis pela construção de uma imagem negativa dessas jovens. Outro apelido, esse menos conhecido em nossos dias, mas que era mais explícito em seu tom pejorativo, dizia respeito à freqüência de garotas às festas no clube dos americanos. Por participarem de suas reuniões festivas, elas passaram a ser chamadas de "meninas do U.S.O.", numa relação malévola às palavras "uso/usadas". Não podemos evitar ver nessa referência às garotas que iam no U.S.O. uma comparação às prostitutas (SILVA, 2000, p. 145).

A referência à prostituição sugerida por Jane Silva, também foi apontada por Jáder de Carvalho quando questionou através das vizinhas do personagem Chicó se "estão abrindo a centenas de moças as portas da prostituição. Verdade?". O conteúdo pejorativo e preconceituoso dos apelidos dados a essas moças parecem ser evidentes, apesar de que não deixar de expressar também uma recusa à presença de militares nos espaços públicos da cidade. Os jornais, durante os anos da guerra, não faziam referências diretas à essa recusa ou a conflitos criados por militares norte-americanos. Podemos atribuir essa postura ao fato da imprensa ter uma visão positiva da 'ocupação', já que poderia representar uma proteção em relação a um mal maior, a ameaça nazista ou até mesmo soviética. Se não por engajamento voluntário à política de boa vizinhança, os organismos de controle à imprensa poderiam censurar tais notícias. Contudo, no início de 1946, terminada a guerra e a ditadura Vargas, o jornal do Partido Comunista, *O Democrata*, relatou um caso em que um soldado ianque escapou por pouco da revolta de populares:

Verificou-se à tarde de ontem, em nossa capital, uma revoltante cena (...). é que, em frente à *Rotisserie*, um dos pontos centrais de Fortaleza, porque localizado na Praça do Ferreira, um soldado semi-alcoolizado, investiu contra uma moça que por ali ai passando, beijando-a em plena face, sob os protestos da mesma, que ficou atônita ante a subida e desvairada decisão do soldado. Populares que ali se encontravam, como se fossem um só homem investiram, por sua vez, contra o ianque revoltados com o seu desrespeito aquela jovem cearense (...) o americano saiu correndo desabaladamente, perseguido por quase 20 transeuntes. Em frente ao Alto Volante, dois guardas conseguiram livrar o ianque das mãos dos populares revoltados, protegendo a sua vida em perigo e levando-o para longe dali. (O DEMOCRATA, 08 jan. 1946, *apud* SILVA, 2000, p. 96)

A guerra fazia-se sentir na população fortalezense de outras formas. Enquanto que setores de elite entravam em contato com militares nos bailes do U.S.O., ou nas seções de cinema do *Cine Diogo*, *Moderno* ou *Majestic*, a sociedade como um todo sofria com a falta de abastecimento de gêneros alimentícios, o trigo era um dos gêneros que faltavam no mercado local. A imprensa também sofreu com a falta de abastecimento de papel e manutenção de máquinas. A quantidade de páginas do Jornal *O Povo*, por exemplo, variava entre 4 e 16 durante os anos de 1942 e 1943. Houve também um aumento de preços do Jornal: em maio de 1942 custava 200 réis, em 03 de novembro do mesmo ano, uma edição de 4 páginas custava 400 réis. Já em 12 de novembro para a edição do jornal de Demócrito Rocha sair às ruas teve que recorrer aos "confrades de 'O Estado' (...) impresso em tamanho menor" (COSTA, 1988, p. 59).

A causa dos problemas foram a irregularidade da navegação que deixaram o jornal sem bobinas de papel.

Não obstante, a presença de militares norte-americanos e os problemas de abastecimento não foram os únicos fatores que interferiram no cotidiano da cidade. A cidade preparava-se para a possibilidade de agressões aéreas ou marítimas, através dos "exercícios de defesa passiva anti-aérea", com as simulações de bombardeios, e os "Black-outs", quando à noite todas as luzes de velas ou lamparinas deveriam ser apagadas, medidas tomadas para preparar a população civil diante de um possível ataque, mas também que serviram como formas de controle social. A orientação da atitude a ser tomada, durante a simulação de ataques, aparecia nas páginas de *O Povo*:

Na falta dos abrigos públicos, temos que procurar o edifício mais próximo (...) E se estamos num *bond*, ônibus ou qualquer viatura, devemos abandona-lo *em ordem*, logo este pare, o que está obrigado a fazer sem tardanças para se colocar na mão, junto á calçada, afim de não prejudicar o transito, sobretudo necessário aos serviços de socorro. Na descida do veiculo nada de gritos desesperados e correrias infrutíferas, para não determinar o pânico. Em seguida, busquemos as casas da circunvizinhança e uma vez dentro delas tomemos as posições de defesa já indicadas. (O POVO, Instrução de Defesa Passiva, 17 set. 1942, p. 4)

Com os exercícios de defesa, as mobilizações do esforço de guerra e a circulação de militares nas ruas de Fortaleza, a Segunda Guerra Mundial, inicialmente um evento distante, tomou conta do cotidiano da cidade, não havia para onde fugir, todas as esferas estavam afetadas por ela: lazer, alimentação, informação, trabalho, diversas esferas da vida passaram a funcionar ou ser reguladas em função da trama bélica.

Conclusão

Além da preocupação concreta de prevenir a população civil para um eventual ataque, os "exercícios de defesa passiva" serviam também para fazer com que o "teatro da guerra" fosse uma realidade no cotidiano da população. Contribuindo assim, como mais uma estratégia do poder público para convencer trabalhadores e trabalhadoras no esforço de guerra: alistamento militar; campanhas do recolhimento de aço, alumínio, ferro e borracha usada; racionamento de trigo e gasolina e no recrutamento para a chamada "Batalha da Borracha".

Todavia, o momento dos "exercícios de defesa passiva" poderia servir com outro propósito: ampliar medidas de controle social sob a mendicância e a circulação de retirantes presentes nas ruas de Fortaleza. Afinal, na ausência ou desconhecimento de "abrigos públicos", onde deveriam refugiar-se aqueles que não tinham casa? Inclusive, em Fortaleza, naquele período, estava em curso uma "campanha contra a mendicância."

A Campanha contra a mendicância foi iniciada em 1940, através do Decreto-lei nº 12 de 17 de janeiro, que concedia subvenções para entidades que participassem da administração da pobreza em busca de evitar a "visibilidade da pobreza" e erradicar "os mendigos dos logradouros públicos e a recomendação de internamentos em associações recreativas" (SOUZA, 1994, p. 63). Se a mendicância estava sendo erradicada desde 1940, a presença de mendigos em 1942

e 1943 pode ser em virtude da seca mais recente. O fato é que, os exercícios de “defesa passiva” possibilitaram uma oportunidade ímpar para radicalizar políticas de higienização social e disciplinamento da população nas ruas de Fortaleza, utilizando o discurso do “esforço de guerra” como justificativa.

Apesar da capacidade do poder público em tirar proveito do contexto da guerra para ampliar ou impor novas medidas de controle social, os eventos que ocorreram em Fortaleza, a partir de 1942, foram importantes para possibilitar a rearticulação de movimentos progressistas e comunistas que estavam sendo sufocados desde os primeiros anos do Estado Novo, desta forma, a Segunda Guerra Mundial e todas as contradições decorrentes dela, como o avanço da americanização na sociedade cearense, também possibilitou a retomada de movimentos defensores da democracia, além da denúncia e forte oposição contra grupos nazistas ou integralistas, que nos anos anteriores demonstravam certa relevância no cenário local.

Referências bibliográficas

ABREU, Berenice. *O Raid da Jangada São Pedro: Pescadores, Estado Novo e luta por direitos*. 2007. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2007_ABREU_Berenice-S.pdf Acesso em: 01 jun. 2022.

BARBOZA, Edson Holanda Lima. *Ida ao Inferno Verde: experiências da migração de trabalhadores do Ceará para a Amazônia (1942-1945)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de Estudos Pós-Graduados em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13022> Acesso em: 01 jun. 2022.

BRAGA, *Salto sobre o lago: a guerra chegou ao Ceará*. Fortaleza: Primus, 2017.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Estado Novo: Novas Histórias. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 183-213

CARVALHO, Jáder de. *Aldeota*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto; ARAS, Lina Maria Brandão. Aracaju amedrontada: a ação do U-507 na costa sergipana (1942). In: PEDREIRA, Flávia de Sá (Org.) *Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial*. 2ª ed. João Pessoa: Ideia, 2021. pp. 13-38.

COSTA, José Raimundo. *Memória de um Jornal*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1988. DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA (DIP). Causa em desespero. *O Nordeste*, Fortaleza, 18 de agosto de 1942, p.1. Hemeroteca. Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

HOBBSAWM, Eric. *Sobre a História*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

HOLANDA, Firmino. *Orson Welles no Ceará*. Fortaleza, Edições Demócrito Rocha, 2001.

MORALES, Lúcia Arrais. *Vai e vem, vira e volta: as rotas dos soldados da borracha*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

LEAL, Ângela Barros. *Jader de Carvalho*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000.

LOPES, Marciano. *Royal Briar: Fortaleza dos anos 40*. 4ª edição. Fortaleza: ABC, 1996.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Noites de terror em mar e terra: o cotidiano em Aracajú (1942-1942). In: PEDREIRA, Flávia de Sá. (Org.) *Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial*. 2ª ed. João Pessoa: Ideia, 2021. pp. 189-206.

MATOS, Tomaz Pompeu Gomes. Quebra-quebra contra Hitler no centro da Cidade. *Singular: uma revista plural*, Fortaleza, Ano:1, n. 1, pp. 16-19, set. 1999.

- MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: A penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: Saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.
- PEDREIRA, Flávia de Sá. Foi tudo verdade. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 5, nº 50, pp. 26-30, nov-2009, pp. 29-30.
- PIMENTEL, Francisco Menezes. Nota da Interventoria Federal. *O Nordeste*, Fortaleza, 21 de agosto de 1942. p.1 Hemeroteca. Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).
- O POVO, Torpedeado um Navio do Lloyd Brasileiro. *O Povo*. 18 de fevereiro de 1942, p. 1. Setor de Periódicos. Biblioteca Estadual do Ceará-BECE.
- O POVO, Os operários também formarão. *O Povo*, Fortaleza 08 de agosto de 1942, p. 1. Setor de Periódicos. Biblioteca Estadual do Ceará-BECE.
- O POVO, Vibra o povo cearense contra a pirataria nazista, *O Povo*, 18 de janeiro de 1942, p. 4. Setor de Periódicos. Biblioteca Estadual do Ceará-BECE.
- O POVO. Instrução de Defesa Passiva. *O Povo*, Fortaleza, 17 de setembro de 1942, p. 4. Setor de Periódicos. Biblioteca Estadual do Ceará-BECE.
- PIMENTEL, Francisco Menezes. Apelo. *O Nordeste*, Fortaleza, 21 de agosto de 1942. p. 1. Hemeroteca. Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).
- QUEIROZ, Rachel. Ceará. *O Povo*, Fortaleza, 18 de março de 1944, p. 3. Setor de Periódicos. Biblioteca Estadual do Ceará-BECE.
- QUEIROZ, Rachel. *Existe outra saída, sim*. 2ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010.
- SECRETO, Maria Verónica. *Soldados da borracha: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007
- SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. Além do campo de batalha: traços da guerra em Fortaleza. In: PEDREIRA, Flávia de Sá. (Org.) *Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial*. 2ª ed. João Pessoa: Ideia, 2021. pp. 39-65.
- SINDICATO DOS LOJISTAS DE FORTALEZA, Nota Oficial. *O Povo*, Fortaleza, 18 de agosto de 1942. p. 1. Setor de Periódicos. Biblioteca Estadual do Ceará-BECE.
- SILVA, Jane D. Semeão e. *Mulheres de Fortaleza nos anos 1940: uma vivência da Segunda Guerra Mundial*. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- SOUZA, Simone. O Município e a centralização política (1930-1945). In: SOUZA, Simone *et al.* *Fortaleza: a gestão da cidade (uma história político-administrativa)*. Fortaleza: NUDOC, 1994.
- TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.